Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v9, 2022/09

ISSN 2178-6925

# Vivências de Trabalhadores e Trabalhadoras em Direção aos Seringais da Amazônia – (1940 -1950)

# Experiences of Workers heading for the Amazon Seringas - (1940-1950)

**Agda Lima Brito**

Doutora em História, membro do grupo de pesquisa História, Poder e Ideias Políticas do PPGHS-UERJ.
E- email: agdaalencar.lima@gmail.com.

**Aceite 03/10/2022 Publicação 12/10/2022**

**Resumo**: Buscamos investigar o trajeto desses trabalhadores e trabalhadoras até os seringais do Amazônia, através da análise de fontes orais e oficiais, identificamos como as viagens para os seringais era precária, tanto por conta de lotação nos transportes, como por problemas de doenças. Também buscamos compreender como enfrentaram dificuldades ao chegar nas cidades onde existiam hospedarias, antes de irem efetivamente trabalhar nos seringais em regiões do Amazonas, discutindo assim como as políticas que visavam organizar e atrair esses trabalhadores para a região Norte, não funcionou efetivamente como deveria segundo os seus projetos, contratos e sobretudo propagandas de ocupação da Amazônia e atração de mão obra para a região.

**Palavra-Chave**: Trabalho, Seringais, Amazonas

**Abstract:** Through the analysis of oral and official sources, we identified how the trips to the rubber plantations were precarious, both because of overcrowding in transportation and because of illness. We also seek to understand how they faced difficulties when they arrived in the cities where there were hostels, before they went to work effectively in the rubber plantations in the Amazon region, thus discussing how the policies that aimed to organize and attract these workers to the North region did not work effectively as they should have according to their projects, contracts and especially advertisements for the occupation of the Amazon and attracting labor to the region.

**Keywords:** Labor, Seringais, Amazonas

## 1. Introdução

ISSN 2178-6925

Na década de 1940, as políticas do governo de Getúlio Vargas, advinha do interesse na ocupação dos "vazios demográficos" do território nacional conhecido como a "*Marcha para o Oeste*"[1], visando explorar a retirada do látex da região Norte.

Para Neide Esterci (1972), o avanço do nacionalismo na década de 1930 contribuiu para o surgimento desse processo de ocupação realizado pelo governo, com a Marcha para Oeste. Isto era uma ideia de criação de "unidade nacional" (VELHO, 2009, p. 128) e refletia o caráter autoritário do governo, uma vez que deixava de lado as questões regionais de cada região, no caso da Amazônia, a autora aponta que:

> Quanto à Amazônia como um todo e a criação de "pequenas propriedades", os resultados foram relativamente modestos. O interesse pela borracha que levara à iniciativa estatal e estrangeira foi episódico e não sobreviveu à Guerra. Deu-se efetivamente uma nova migração de massas nordestinas para a Amazônia com estímulo governamental, mas isso resultou em muitas mortes e decepção. Diversas "colônias agrícolas" foram criadas em diferentes partes do país, mas não fizeram parte de uma política global e tenderam a vegetar sem resultados significativos (ESTERCI, 1972).[2]

Para Vargas, investir na migração interna seria fundamental para garantir a melhor ocupação da Amazônia e desse modo extrair seus recursos naturais.

Para Morales (2002), Vargas visava não só aumentar a produção da borracha através do aumento da imigração nordestina para os seringais da Amazônia, mas também dá continuação à política de colonização que adotara anteriormente, logo, o homem nordestino estaria preparado para esse serviço, conforme mostravam as propagandas na época, essas usadas como forma de atrair esses migrantes.

Desse modo, o transporte para os seringais era um problema para o governo, sobretudo porque uma grande maioria de migrantes viria do Nordeste, viajando por dias de barco ou estradas, essas famílias enfrentaram dificuldades no trajeto até as respectivas regiões de trabalho, conforme veremos.

---

[1] A Marcha para Oeste consistia em uma política de povoamento do país em regiões dos interiores, por isso mesmo estavam mais voltadas para a região Norte e Centro Oeste do Brasil, visando integrar as regiões e explorar suas riquezas. – ver: SCHWAB, M. C. **Nacionalismo, políticas sociais, e marcha para o oeste nos artigos de Paulo Figueiredo durante o Estado novo**. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, XXV., Fortaleza, 2009. Anais... Fortaleza, [s. n.]. 2009.

[2] Ibid. p. 142.

ISSN 2178-6925

## 2. Revisão bibliográfica:

### 2.1. O Transporte dos Trabalhadores e Trabalhadoras

A DNIT (criada em 1938) era responsável pelos programas de migração no país e agia juntamente com o ministério do Trabalho Indústria e Comércio, todavia como a DNIT não estaria conseguindo atingir as metas de transporte de trabalhadores, foi criada outro órgão a SEMTA.

Acreditava-se que a SEMTA seria responsável por todo esse serviço de recrutamento e encaminhamento, no entanto em 1942 foi criada também a SAVA, com sede em Belém, assumindo a responsabilidade por encaminhar os trabalhadores para as áreas de extração de borracha.

A necessidade de mão obra por parte do governo, fez com que ocorresse a superlotação dos transportes que realizavam o trajeto de levar essa leva de trabalhadores em sua maioria moradores do Nordeste até o Norte do Brasil, implicando sérios danos aos trabalhadores visto que a SEMTA só levava os trabalhadores até porto de Belém, a partir do porto quem assumia era a SAVA.

A SEMTA enfrentava problemas para enviar os trabalhadores para a Amazônia desde a sua criação, sua frota não era suficiente, necessitando de apoio financeiro para alugar mais transportes, o mesmo acontecia quando tentavam obter outros meios de transporte tais como aviões, navios. Tinha ainda dificuldade até mesmo para o abastecimento desses transportes devido à guerra, os caminhões por sua vez, acabavam quebrando com facilidade, devido à má qualidade das estradas por onde eram transportados esses trabalhadores (MIRANDA, 2013, p. 50).

O governo por sua vez, se preocupava em aumentar urgentemente o trabalho na retirada do látex, conforme encontramos vários registros do Jornal de Comercio do Amazonas nesse período de Segunda Guerra[3], por exemplo, nesse periódico em edição de 1943 encontramos uma matéria estabelecendo qual a quantidade de trabalhadores imigrantes que deveriam vir para o Vale Amazônico, em entrevista dada pelo coordenador da mobilização econômica João Alberto, ele diz que:

[3] Este é apenas um exemplo de outros jornais desse período que retratavam a quantidade de trabalhadores que viriam para região e como isso poderia aumentar a produção da borracha para a exportação.

ISSN 2178-6925

> Um total de 200.000 pessoas, incluindo as famílias dos trabalhadores será transportado para o Vale Amazônico. Em suma, desejamos aumentara produção da Amazônia de 20 para 50.000 mil toneladas de borracha.[4]

Outro órgão fundamental para o encaminhamento dessas famílias para o Amazonas foi a SESP que deveria ser responsável por examinar esses trabalhadores para que seguissem viagem conforme acordo firmado entre CAETA e SESP, dentre as cláusulas desse contrato, destacamos:

> 1. A CAETA, pelo seu órgão competente, recrutará trabalhadores fisicamente aptos para o trabalho a que se destinam, transportando –se para o Vale Amazônico.
> 2. O órgão competente da CAETA assumira a responsabilidade de cuidar da saúde dos trabalhadores e tomar quaisquer outras medidas necessárias até a data da chegada ao ponto de concentração escolhido.
> 3. A Sesp dará assistência médica aos trabalhadores emigrantes nos seguintes postos médicos, ora pertencentes ao SEMTA e ao SAVA. Fortaleza, Sobral, Terezina, Caxias, São Luiz, Belém e Manáus.
> 4. A Sesp dará assistência médica trabalhadores da borracha igual àquela que proporciona as populações civis.
> 5. Os grupos de no mínimo 200 homens quando transportados por terra, serão acompanhados por um guarda medicador do SESP, assim como os grupos de no mínimo 300 homens quando transportados por mar.[5]

A SESP estaria intimamente envolvida no processo de recrutamento de mão de obra, havia uma preocupação em selecionar homens fortes, aptos ao trabalho e interesse em padronizar os exames que iram selecionar esses soldados, a assistência se estenderia ainda após a seleção, o soldado e sua família deveriam ser imunizados, e em caso de doenças deveriam receber tratamento adequado, comida e assistir palestras de educação sanitária[6].

O médico José Lins Souza responsável pela avaliação destes trabalhadores na sede em Fortaleza antes de serem encaminhados para Amazônia confessou em seus relatórios, que por vezes havia considerado apto para trabalhadores que se encontravam enfermos, devido à necessidade de se enviar um determinado número de trabalhadores para a região (MIRANDA, 2013, p. 147).

---

[4] Jornal do Comercio do Amazonas, Domingo, 21 de fev. 1943.
[5] Contrato de acordo de serviço médico entre Sesp e a Caeta.1943. p. s/n – Departamento de Arquivo eDocumentação, Fiocruz, Rio de Janeiro.
[6] Contrato de acordo de serviço médico entre Sesp e a Caeta.1943. p. s/n – Departamento de Arquivo eDocumentação, Fiocruz, Rio de Janeiro.

ISSN 2178-6925

No entanto o trajeto que essas famílias enfrentavam para ir trabalhar na região amazônica, também chama a atenção, pois o número de trabalhadores transportados era elevado e a maioria não recebiam os remédios. Levando em consideração a distância de uma região para outra, os decessos eram importantes, segundo as fontes muitos morriam de doenças durante o trajeto ou ficavam vários meses em hospedarias aguardando para serem enviados aos locais de trabalho.

Eram muitas as dificuldades em transportar esses trabalhadores, a principal era que as estradas eram precárias, conforme aponta Miranda:

> Uma das principais atribuições do SEMTA era transportar homens nordestinos aptos para trabalharem em seringais amazônicos, prestando assistência a eles e também a suas famílias. As vias de deslocamento pelo interior do país eram bastante precárias, sendo recorrentes os atrasos e acidentes nos trajetos. A viagem abrangia trechos por terra, ferrovia e estradas, por via fluvial e avião. Dos pontos de recrutamento, os soldados da borracha iam até Fortaleza, onde aguardavam o embarque que se dava por "grupos" ou "comboios", divididos por "turmas" de trabalhadores. A viagem se dava por etapas – entre Fortaleza a Teresina, por caminhão e de Teresina a São Luís no Maranhão onde "se tomava um navio até Belém". De Fortaleza percorriam 244 quilômetros na boleia de caminhão até Sobral (CE) onde se encontravam dois pousos. Depois dessa parada em Sobral, seguiam ainda em caminhão (382quilômetros) até Tianguá, região serrana no Ceará. A estrada em declive produzia elevados índices de acidentes (MIRANDA, 2013, p. 148).

No jornal eletrônico *Rede Brasil Atual* nos deparamos com o relato do seringueiro Joaquim Batista, nessa entrevista, ele cita como eram transportadas as pessoas e como muitos morriam no caminho:

> "Viemos em um barco imenso, que ia parando o tempo todo e era acompanhado por um avião do Exército. Eram umas 700 famílias, com mulheres, crianças e tudo, a maioria do Ceará, como nós. Quase todos morreram, muitos de malária. Quando a pessoa pegava a doença e começava a inchar, a gente já sabia que não tinha mais jeito.[7]

Na fala de um migrante Nordestino que não quis se identificar, ainda podemos notar a demora em instalar devidamente o trabalhador nas hospedarias: "Estou aqui aperreado deste cativeiro, faz quatro dias que chegamos e nos aqui passando humilhações dentro desse caduco velho (navio velho). Raiva aqui é o que não falta"[8].

---

[7] Jornal eletrônico Rede Brasil Atual. RBA (2014). Página consultada em 13 de maio de 2016 -http://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2014/05/ouro-branco-da-amazonia-a-historia-dos-soldados- da-borracha-9078.html.

[8] Entrevistas publicadas por BENCHIMOL, Samuel. Cap II- Nossa Gente: Ex Ante Ex Post. Amazônia: Um Pouco – Antes e Além Depois. Manaus: Ed. Umberto Calderaro, 1977. p 277.

ISSN 2178-6925

Aparentemente o imigrante ficou esperando no barco o rumo que deveria seguir, não sabemos ao certo, mas talvez as superlotações nas hospedarias, como foi citado por Benchimol, seja uma possível causa para que esses trabalhadores ficassem nos barcos, gerando insatisfação por parte dos migrantes.

A precariedade do transporte e superlotação, ocasionavam problemas para os trabalhadores embarcados, em sua maioria em caminhões ou barcos, Miranda (2013) destaca que ainda ocorriam acidentes, indica ainda que quando ocorriam esses acidentes, a SESP não estava preparada para cuidar desses problemas, improvisando no tratamento destes trabalhadores e no transporte para os hospitais. Outro problema era que muitas pessoas morriam de malária, assim como também ao chegarem à região poderiam contrair doenças comuns no Amazonas como a febre amarela.

No entanto no *Relatório da Diretoria do Comercio do Amazonas* temos um parágrafo com o título *Vacina Contra a Febre Amarela* que aponta que os comerciantes, atravessadores, assim como industriários eram devidamente medicados contra a doença.

> "Como está de todos, essa previdência sanitária, embora de grande oportunidade, gerava atropelos ao comércio, cujo o s auxiliares, quando em viagem ou simplesmente ou simplesmente incumbidos de trabalho a bordo, deveriam estar munidos de atestado de vacinação anti-amarilica. Ocorria, entretanto, que o serviço de vacinação contra a febre amarela aos interessados, em hora inadequada e na sua própria sede, do que resultava considerável perda de tempo. Procurando contornar esses inconvenientes, entrou em nosso Instituto em entendimento com o profissional encarregado daquele serviço, oferecendo – lhe uma de nossas salas, para ali ser feito, durante algunsdias, a vacinação dos elementos que labutam no comercio ou na indústria. Tudo ocorreu na melhor ordem possível, justificando as expressões de louvor, que tivemos oportunidade de endereçar ao médico encarregado daquele serviço, Dr. José de Abreu.[9]

Logo percebe-se a diferença de tratamento dada a diferentes setores de trabalho da região do Amazonas.

Consuelo Ladislau conta em entrevista que sua mãe migrante de Fortaleza ao se dirigir para os seringais, teria reclamado das condições da viagem, presenciou a morte de um homem que fora jogado no mar: "minha mãe de Fortaleza, mãe disse que quando vinha morreu um (homem), enrolaram e jogaram dentro da água, passava

[9] Relatório da Diretoria da Associação Comercial do Amazonas. Ano social 1942. Rio de Janeiro, p.s/n – Arquivo da Biblioteca Nacional do Brasil.

ISSN 2178-6925

dias para vim neles, mês, no oceano né... eu acho que o navio não era bem confortável não.[10]".

Ainda que houvesse os esforços da SESP em atender os migrantes e que nos contratos que foram direcionados para esses trabalhadores no governo de Vargas, estivesse estabelecido que os guardas medicadores fossem os responsáveis por atender e medicar esses migrantes[11], poucos eram os barcos que de fato contavam com médicos. Os migrantes eram transportados de modo negligente, principalmente em se tratando de assistência à saúde, por exemplo, tanto embarcados, quanto depois do desembarcar, em locais como Fortaleza ou Belém, ainda deviam esperar alguns meses para serem direcionados para os interiores do Amazonas.

Nas imagens abaixo encontradas nos *Relatórios Administrativos da SESP*[12] podemos verificar como eram transportados esses trabalhadores e trabalhadoras. Eles iam amontoados dentro de navios superlotados.

**Figura 1- Vista do "State of Delaware", no Porto de Belém, com 643 imigrantes, que se destinam aos seringais.**

(Relatório Administração SESP. Serie Organização e Funcionamento. 1944)



**Figura 2 - Outra Vista das acomodações Típicas dos imigrantes a Bordo.**

[10] LADISLAU, Consuelo. Depoimento [10 abril. 2016]. Entrevistadora: Jéssyka Sâmya, Manaus:Amazonas, 2016.

[11] Contrato de acordo de serviço médico entre SESP e a CAETA. 1943. p. s/n – Departamento deArquivo e Documentação, Fiocruz, Rio de Janeiro.

[12] Relatório Administração Sesp. Serie Organização e Funcionamento. 1944. p. s/n – Departamento deArquivo e Documentação, Fiocruz, Rio de Janeiro.

ISSN 2178-6925

(Relatório Administração da SESP. Serie Organização e Funcionamento. 1944.)



Na entrevista de Antônio Pinheiro migrante cearense, conta que foi para o Amazonas a trabalhar com sua família, este apontou o seu incomodo com a espera na hospedaria que durava uns 20 dias “eu já estou aqui impaciente de estar ancorado aqui a mais de vinte dias”[13] ao se referir à viagem revela insatisfação:

> Acabava tudo seco também. Não tinha mais nada que desse para a gente viver. (ao se referir ao Ceará) ...
> Mas se eu soubesse como era a viagem, tinha vindo não. Ninguém mefaz embarcar mais, agora que já conheço.”
> Não me aventuro de novo. Não quero mais saber dessa história demar. Só volto agora de avião.[14]

Segundo Nascimento (1998) em sua pesquisa sobre migração nordestina para o Amazonas, a viagem realizada demonstrava um completo abandono, sendo transportadas em números absurdo de pessoas em condições semelhantes aos navios negreiros:

> A viagem era longa e cansativa, em navios superlotados, sem o mínimo conforto, onde viajavam mais de mil pessoas, homens, mulheres e crianças, gerando caos e tumulto num moderno navio negreiro. A alimentação era de péssima qualidade. Ao chegarem a Belém e a Manaus a situação piorava. Muitos chegavam doentes, outros adoeciam nas pousadas onde eram jogados. Segundo os depoimentos dos "soldados da borracha", eles eram "amontoados como animais, sofrendo fome e humilhações". Nas pousadas ficavam esperando dias ou meses até chegarem aos seringais (NASCIMENTO, 1998, p. 12).

[13] Entrevista Antônio Pinheiro. Entrevista realizada por Samuel Benchimol, Manaus: Amazonas, 1942. Publicada no Livro BENCHIMOL, Samuel. Amazônia: Um Pouco – Antes e Além Depois. Manaus: Ed. Umberto Calderaro, 1977.

[14] Entrevista Antônio Pinheiro. Entrevista realizada por Samuel Benchimol, Manaus: Amazonas, 1942. Publicada no Livro BENCHIMOL, Samuel. Amazônia: Um Pouco – Antes e Além Depois. Manaus: Ed. Umberto Calderaro, 1977.

ISSN 2178-6925

Os problemas para conseguir transporte pelas instituições responsáveis se refletia na forma que os trabalhadores viajavam, ao passo que essas famílias eram embarcadas em condições precárias, a preocupação do governo central era de fato levar mão de obra aos seringais, conforme *Relatório da Diretoria da Associação do Comercio no Amazonas:*

> A introdução de Imigrantes na Amazônia é termo axial na campanha de mobilização para seus seringais. Essa introdução feita em começo, apenas através da gratuidade de transporte entre os portos nordestinos e a Hinterlândia Amazônica, passou a constituir, no decurso dos últimos meses, detalhe principal do plano em Marcha para repovoamento dos seringais, com o objetivo de elevar, celeremente a produção da borracha.[15]

Ainda no tópico intitulado a *borracha e a guerra*[16] presente neste mesmo Relatório, apresenta explicações sobre os esforços da associação em manter a produção de borracha para exportação em alta a fim de beneficiar o governo brasileiro.

No Jornal *A Folha Do Acre* de 1945 que narrava à história de migrante nordestino Florentino, onde podemos perceber as implicações da viagem:

> Aqui aportou em Setembro de 1943, fazendo–se acompanhado deseus 9 filhos Genésio, Marçal, Humberto, Sidônio, Ivanise, Gesi,Verniaud, Mirabeu, e Miriam os três primeiro maiores e os últimasmenores, sendo que esta última contava apenas com um ano de idade. Desde que a viagem começou no Rio Amazonas, a família começou a sofrer de febres e outras doenças o que esgotou completamente os parcos recursos que trazia consigo. Chegando ao Rio Branco doente,sem dinheiro, com os filhos em más condições e a esposaprostrada.[17]

Na matéria a esposa de Florentino não resiste e acaba vindo a falecer, na realidade segundo os Relatórios da SESP, eram raros os barcos que tinham médicos, como apontamos anteriormente.

Para André Campos (2006) em sua pesquisa evidencia que as condições dentro dos navios eram deploráveis, começando pela limpeza, os trabalhadores e trabalhadoras eramtripulantes de terceira classe e por muitas vezes não havia água para tomar banho, nem um número de banheiros suficientes para uma tripulação que

[15] Relatório da Diretoria da Associação Comercial do Amazonas. Ano social 1942. Rio de Janeiro, p. s/n – Arquivo da Biblioteca Nacional do Brasil.
[16] Relatório da Diretoria da Associação Comercial do Amazonas. Ano social 1942. Rio de Janeiro, p. s/n – Arquivo da Biblioteca Nacional do Brasil.
[17] Jornal A Folha do Acre, 3 de fev. 1946.

ISSN 2178-6925

viajava abarrotada, visto o número de embarcados que sempre era superior ao número que o barco deveria comportar.

## 2 . 2 Homens e Mulheres enviados para o Trabalho

Calcula–se que aproximadamente um número em torno de 150.000 migrantes em sua maioria nordestinos tenham se dirigido para a Amazônia, sendo que boa parte desses migrantes nordestinos teria ido para a Amazônia Ocidental. A Amazônia Ocidental corresponde àqueles territórios localizados nos estados do Acre, Amazonas, Rondônia e Roraima, durante o período da extração da borracha, sendo que esses recebiam a passagem de terceira classe conforme informa Benchimol, chegando a esse número através da análise dos registros do Porto de Manaus[18].

Em matéria do *O Jornal* de 1946, demonstram um quantitativo de homens e mulheres que teriam chegado no porto de Manaus, essas estimativas presentes no *O Jornal* se aproxima bastantes das colocadas por Benchimol: "No decorrer do período de 1941/1945, entraram no porto de Manaus, procedente de diversos Estados de Federação, do estrangeiro e de alguns municípios amazonenses, 152.138 passageiros, sendo 105.138 do sexo masculino e 46.955 do sexo feminino;[19]"

As mulheres migrantes, acompanharam seus maridos e suas famílias até os territórios onde eles eram enviados para o corte da seringa. Devemos nos atentar que não são todas as mulheres que iram se dirigir até a área de seringal, pois Secreto nos chama a atenção para a existência de hospedarias que abrigariam essas famílias e deveriam, segundo os contratos assinados garantir que receberiam um tratamento digno, realizariam serviços leves e receberiam uma quantia em dinheiro (SECRETO, 2007, p. 89).

Na pesquisa de Secreto (2007) temos indícios de que essas mulheres estavam extremamente incomodadas com o tratamento que recebiam e começam a se revelar contra a diretoria do núcleo que administrava o local onde ficavam, em cartas que se encontram no arquivo do Ceará, as mulheres reclamavam do tratamento que

[19] Jornal O Jornal, Domingo 10 de fev. de 1946.

ISSN 2178-6925

recebiam, vieram com esses seringueiros para ficar hospedadas nos núcleos, como neste caso no núcleo de Porongabussú onde haveria 56 famílias[20].

Os migrantes deveriam receber alimentação e cuidados médicos nas hospedarias, antes de serem enviados para os seringais, como estabelecido:

> O Departamento Nacional de Imigração do Ministério doTrabalho, Indústria e Comercio e a Comissão Administrativa do Encaminhamento de Trabalhadores para a Amazônia (CAETA), considerando os problemas de assistência médica relacionados ao recrutamento do pessoal a ser encaminhado do Nordeste para os seringais da Amazônia, assinaram acordo com a SESP entregando – lhe a responsabilidade de prestar assistência médica aos migrantes, nashospedarias de Fortaleza, Belém e Manaus, assim como no trajeto entre esses pontos.[21]

A hospedaria de Flores construída em 1942 foi apontada no *Relatório da Associação do Comercio* como um dos locais selecionados pelo governo como responsáveis por abrigar esses trabalhadores na cidade de Manaus e onde segundo eles receberiam comida e cuidados até serem encaminhados para o local de trabalho: "Como fruto da nova política do governo em relação ao problema migratório, podemos apontar a iniciativa da construção de uma grandehospedaria provisória na estrada de Flores, cujos trabalhos ainda estão em andamento.[22]"

Foi em hospedarias como essas, na cidade de Manaus, onde Samuel Benchimol encontrou seus entrevistados e entrevistadas como no "alojamento do Trapiche Teixeirae no Leprosário do Aleixo" (BENCHIMOL, 1977, p. 257), onde os migrantes esperavam para serem transferidos para os interiores do Amazonas. Sobre a ótica do autor podemos ter uma dimensão de como eram esses alojamentos e de como ficavam lotados:

> Por especial gentileza de Carlos Mendonça, administrador do Leprosário do Aleixo, onde estão alojados os nordestinos, fui num dia 16 de setembro visitar essa concentração de imigrantes. Deparamos com a configuração irregularíssima do terreno, o que estranhei bastante, pois não há razão para tal. O governo federal investiu lá maisde três mil contos de réis na construção desse leprosário modelo, quejá está pronto e provisoriamente cedido aos imigrantes nordestinos. Para mais de mil imigrantes acham –se ali instalados. Em comparação com o velho Trapiche Teixeira, onde se localizaram as primeiras levas,aquilo deve ser um paraíso. Cada família tem o seu quarto, comarmadores. Existem 14 pavilhões, tendo cada pavilhão 14 quartos, com

[20] Documento, presidência da República, Coordenação da Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia, 1940.

[21] Programa Cooperativo de Saúde Pública entre os governos do Brasil e dos Estados Unidos. Relatório Final dos Serviços da SESP. 1942-1960. p. s/n – Departamento de Arquivo e Documentação, Fiocruz, Rio de Janeiro.

[22] Relatório da Diretoria da Associação Comercial do Amazonas. Ano social 1942. Rio de Janeiro, p. s/n – Arquivo da Biblioteca Nacional do Brasil.

ISSN 2178-6925

> capacidade para 4 armadores, o que dá uma lotação de 784pessoas bem agasalhadas. Mas acontece que as famílias são numerosas e se alojam muito mais do que isso. (BENCHIMOL, 1977, p. 265- 266)

Muitos foram os registros referentes a propagandas acerca da borracha e alguns migrantes as levaram em consideração na hora de tomar a decisão de se dirigir à Amazônia. Seu Raimundo Nogueira saiu do Ceará para o Amazonas, nos aponta que: "Eu era soldado mesmo, soldado da borracha, eu sou, por que naquela época eu tinha idade, e alistado, o processo tá lá no exército". O entrevistado atesta seu descontentamento ao chegar aos seringais e perceber que não se tratava daquilo representado nos contratos *"*eu queria dinheiro, mas só vi borracha[23]".

Lima enfatiza ainda que o Pouso do Aleixo ficaria duas horas de barco de Manaus, e posteriormente foi construído uma estrada de acesso de 20 quilômetros para esse pouso, isso partindo do centro da capital, ressalta a distância das instalações como mecanismo para manter esses migrantes afastados da sociedade já que teriam "má fama", importante destacar que é bem comum nos jornais da década de 1940 os imigrantes serem retratados como "arigós"[24] que cometem furtos ou fazem arruaça[25]. Todavia Lima (2013) destaca que a distância servia também para evitar possíveis fugas e resistência que ocorriam quando eram enviados para a extração da borracha.

Na certeza de que ao chegarem à Amazônia encontrariam boas condições de serviço e atraídos pelas propagandas, optavam por migrar, Sebastião Constantino, do Rio Grande do Norte, enfatizou como a propaganda era forte na região onde morava aguçando o imaginário daqueles trabalhos em busca de uma realidade diferente.

Sebastião possuía trabalho no Rio Grande do Norte e largou tudo neste período para ir para o Amazonas, após seis meses na região contava seu arrependimento por acredita nas propagandas de governo: "Hoje estou arrependido. Faz uns 6 meses que cheguei. Fui logo trabalhar na agricultura, no Curari[158], peguei muita febre, estranhei

---

[23] Nogueira, Raimundo. *Raimundo Nogueira*. depoimento [06 abril. 2014]. Entrevistadora: Agda Lima Brito, Manaus: Amazonas, 2014.

[24]Arigós era um termo pejorativo usado pelos jornais da época fazendo referência aos nordestinos que estavam na cidade.

[25] Jornal do Comercio do Amazonas, 31 de out. de 1945.

ISSN 2178-6925

muito porque só andava em cima d'água, numa canoa, eu que estou acostumado há passar o dia inteiro em cima de um animal."[26].

Antônia Ferreira, trabalhadora que tinha ficado em uma hospedaria na cidade de Manaus devido a seu marido se encontrar enfermo, manifesta as dificuldades que enfrentava nesse período juntamente com sua família: "Nós trabalhávamos na agricultura. Eu ajudava o meu marido. Vim mais ele e um filho. Mas não vivíamos na miséria. Mas meteram na cabeça do meu marido para vir que esse homem enlouqueceu. Ele por si só não viria, pois é um homem acanhado. Eu tive que acompanhar ele."[27].

Antônia Ferreira veio da Paraíba com o marido e o filho, o seu posicionamento reflete a sua posição contraria a migração, no entanto tinha a necessidade de acompanhar o marido "acanhado".

Quando nos deparamos com a entrevista de Antônia Ferreira confirmando como sua desconfiança estaria certa em relação ao trabalho na região e ainda sua insatisfação com a decisão do marido, mesmo contrariada Antônia assumi a família frente às dificuldades: "Nós vínhamos para a colônia do Chinês. Tínhamos casa e auxílio para plantar. Não houve esse que não quisesse vir. Nós chegamos aqui e não vimos nada. Bem-feito, agora ele está doente, sem poder trabalhar, agora eu estou cortando lenha no mato para sustentar a família. Já fiz o meu roçado."[28].

Ainda contrariada Antônia Ferreira evidenciava sua recusa em relação à decisãodo marido em retornar novamente para o interior do Amazonas:

> Ele ainda está com uma conversar de ainda ir para o interior logo que melhore. Eu já disse que não acompanho. Daqui só para trás. Não tomo nem uma canoa mais para cima. Só Deus sabe o que tenho sofrido desde que embarquei. Se me desse passagem para voltar, eu voltaria mesmo que fosse para morrer no mesmo dia que chegasse lá.

---

[26] Entrevista Sebastião Constantino. Entrevista realizada por Samuel Benchimol, Manaus: Amazonas, 1942. Publicada no Livro BENCHIMOL, Samuel. BENCHIMOL, Samuel. Cap II- Nossa Gente: Ex Ante Ex Post. Amazônia: Um Pouco – Antes e Além Depois. Manaus: Ed. Umberto Calderaro, 1977. P. 285.

[27] Entrevista Antônia Ferreira. Entrevista realizada por Samuel Benchimol, Manaus: Amazonas, 1942. Publicada no Livro BENCHIMOL, Samuel. Samuel. Cap II- Nossa Gente: Ex Ante Ex Post. Amazônia: Um Pouco – Antes e Além Depois. Manaus: Ed. Umberto Calderaro, 1977.

[28] Entrevista Antônia Ferreira. Entrevista realizada por Samuel Benchimol, Manaus: Amazonas, 1942. Publicada no Livro BENCHIMOL, Samuel. Samuel. Cap II- Nossa Gente: Ex Ante Ex Post. Amazônia: Um Pouco – Antes e Além Depois. Manaus: Ed. Umberto Calderaro, 1977. P. 281.

ISSN 2178-6925

> Era até capaz de abandonar meu marido para voltar para a minha terra. Isso é terra desgraçada, só tem doença e febre, mas lá só se falava nas bondades dela...[29]

As mulheres foram para a Amazônia acompanhar seus maridos e filhos ou foram com suas famílias, parentes, no entanto percebemos que essas mulheres não se deixam diminuirfrente à dominação masculina, se por um lado temos algumas entrevistas de mulheres tristes por não desejarem migrar, percebemos também mulheres que se sobrepõem à vontade de seus maridos como o caso de Antônia Ferreira e ainda mulheres que tinham interesse de "enricar" de ter novas oportunidades no trabalho na nova região como o caso desta entrevistada que não quis se identificar.

Ela encontrava–se na hospedaria em Manaus, mas destaca ter sido seu marido "que meteu na cabeça essa história de vir pra cá" para o Amazonas, no entanto demonstra interesse em trabalhar na região "parece que vou me dar bem com essa terra"[30]. Seus desejos e vontades se colocam em evidência, as mulheres assumiram o protagonismo de suas próprias vidas e histórias.

Libório Gonçalves, migrante cearense, em sua entrevista demonstra como muitas pessoas foram para região, entre trabalhadores de diversas profissões o que chama atenção é sua narrativa sobre a ida das mulheres:

> As mulheres é que não gostam de embarcar. Pôr o pé no navio é a mesma coisa que estar no fiel da morte. Muitas delas dizem que preferem a morte a vir para cá. Vem que nem bode quando se puxa para a beira d'água. Mas há também muita mulher de coragem que vem comboiando os maridos medrosos.[31]

A tomada da decisão de partir do Nordeste para o Norte podia até partir do marido, como muitas dizem que "tem que acompanhar seus maridos", isso não significa que essas mulheres não tomassem decisões em relação a suas famílias e ao trabalho, como mostramos acima.

---

[29] Entrevista Antônia Ferreira. Entrevista realizada por Samuel Benchimol, Manaus: Amazonas, 1942. Publicada no Livro BENCHIMOL, Samuel. Samuel. Cap II- Nossa Gente: Ex Ante Ex Post. Amazônia: Um Pouco – Antes e Além Depois. Manaus: Ed. Umberto Calderaro, 1977. P. 281.

[30] A entrevistada não quis se identificar. Entrevista realizada por Samuel Benchimol, Manaus: Amazonas, 1942. Publicada no Livro BENCHIMOL, Samuel. Amazônia: Um Pouco – Antes e Além Depois. Manaus: Ed. Umberto Calderaro, 1977. p 265

[31] Entrevista Libório Gonçalves. Entrevista realizada por Samuel Benchimol, Manaus: Amazonas, 1942. Publicada no Livro BENCHIMOL, Samuel. Samuel. Cap II- Nossa Gente: Ex Ante Ex Post. Amazônia: Um Pouco – Antes e Além Depois. Manaus: Ed. Umberto Calderaro, 1977. p 292.

ISSN 2178-6925

E é evidente que a migração de uma região para a outra causa estranhamento, deixar seu lugar de origem e por vezes deixando parte da família para trás para acompanhar o esposo, o que lhe causa insegurança, além do medo do que poderia encontrar do outro lado, na outra região em que iria trabalhar, Consuelo Ladislau fala de parte da família de sua mãe que teria ficado para trás no Nordeste: "ainda ficou uma irmã dela lá, Nazaré perderam contato, que estava estudando disque! que pena né? é difícil né? por que naquele tempo era difícil procurar, não tinha comunicação, ela estava estudando ai ela ficou com irmão da mamãe"[32].

Muitos trabalhadores vindos do Nordeste admitiam ter ido para a Amazônia por influência das propagandas e facilidade de conseguir transporte para a região de forma gratuita, analisando as entrevistas colhidas por Benchimol, boa parte dos homens entrevistados citam as propagandas, os boatos que chegavam ao Nordeste, sobre as facilidades de ganhar dinheiro no Amazonas, como o aponta o entrevistado Alfredo Constantino:

> Vim por influência. Eu era agricultor no sítio com minha família. Parece que o diabo me tentou. Começou a correr os boatos, que os jornais espalhavam que no Amazonas precisava–se de agricultores, que todos nós iríamos ter terra e auxílio do governo para plantar.[33]

A respeito do trabalho no decorrer da entrevista fica notório o estranhamento com a região e a insatisfação: "Eu não dou para viver alugado. Quem se freta é navio. Gosto de trabalhar para mim"[34]. Alfredo, como muitos outros trabalhadores, amargou os problemas de trabalhos que a região enfrentava, logo perceberam que não seria tão fácil "enricar" através da extração do látex.

## 3. Considerações Finais

As famílias que se dirigiram a região do Amazonas, em busca de melhores condições de trabalho, esperavam que o governo cumprisse com sua parte,

---

[32] LADISLAU, Consuelo. Consuelo Ladislau [10 abril. 2016]. Entrevistadora: Jéssyka Samya,Manaus: Amazonas, 2016.

[33] Entrevista realizada por Samuel Benchimol, Manaus: Amazonas, 1942. Publicada no Livro BENCHIMOL, Samuel. Samuel. Cap II- Nossa Gente: Ex Ante Ex Post. Amazônia: Um Pouco – Antes e Além Depois. Manaus: Ed. Umberto Calderaro, 1977. p. 167, 168

[34] Entrevista realizada por Samuel Benchimol, Manaus: Amazonas, 1942. Publicada no Livro BENCHIMOL, Samuel. Samuel. Cap II- Nossa Gente: Ex Ante Ex Post. Amazônia: Um Pouco – Antes e Além Depois. Manaus: Ed. Umberto Calderaro, 1977. p. 267-268.

ISSN 2178-6925

acreditando que não ficariam e mercê dos patrões, que teriam direito a lotes de terra para poder viver naquelas regiões de forma digna, no entanto conforme podemos perceber, esses trabalhadores e trabalhadoras já eram desrespeitados e humilhados mesmo antes de chegarem aos seringais, no trajeto tratados como mercadorias, trazidos em transportes insalubres, lotados, sem apoio médico acabavam inclusive morrendo na viagem e mesmo quando chegavam no destino acabavam passando por mais um transtorno tendo que esperar em muitos casos ainda dentro das embarcações ou em hospedarias lotadas aguardando qual seu seria o destino de trabalho.

Ao estudar esse período percebemos que durante a década de 1940 são criados órgãos específicos para priorizar a ocupação da região Norte e desse modo extrair a cobiçada borracha para produção os artigos para a Segunda Guerra, contratos de trabalho são firmados entre os governos e os soldados da borracha garantindo direitos a esses trabalhadores que até então acreditavam estar assegurados pela legislação.

O cenário vivido por essas famílias foi de exploração e negligência já no processo da viagem para a região Norte, quando chegavam a região enfrentavam uma serie de outros problemas, dentre eles a desorganização e lotação das hospedarias, isso tudo somado a falta de assistência médica que fizeram muitos adoecer de malária e outras doenças. De fato, o governo não cumpriu aquilo que as propagandas despertaram nesses trabalhadores e a realidade dentro dos seringais, com os patrões tratando essas famílias em condições análogas à escravidão só ilustrou como o governo priorizava muito mais os lucros que vinham da região, do como esses trabalhadores foram explorados nos seringais do Amazonas.

## 4. Referências Bibliográficas

BENCHIMOL, Samuel. **Cap II- Nossa Gente: Ex Ante Ex Post. Amazônia: Um Pouco – Antes e Além Depois.** Manaus: Ed. Umberto Calderaro, 1997.

CAMPOS, André Luiz Vieira. **Políticas Internacionais de Saúde na Era Vargas: o Serviço Especial de Saúde Pública, 1942-1960**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

ISSN 2178-6925

GARFIELD, Seth. **A Amazônia no imaginário norte-americano em tempo de guerra**. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 29, nº 57, p. 19-65 - 2009.

GODY, Paulo R. Teixeira. **Riqueza e Miséria do Ciclo da Borracha na Amazônia Brasileira: Um Olhar Geográfico por Intermédio de Euclides da Cunha.** In: Paulo R. Teixeira de Godoy. (Org.). História do Pensamento Geográfico e Epistemologia em Geografia. 01ed.São Paulo (SP): Cultura Acadêmica/Editora Unesp, 2010, v. 01.

GUILLEN, Isabel Cristina Martins. **A Batalha da Borracha: propaganda política e migração nordestina para a Amazônia durante o Estado Novo**. Revista de Sociologia e Política. n° 9 ,1997.

LIMA, Frederico Alexandre de Oliveira. **Soldados da Borracha, das vivências do passado às lutas contemporâneas.** Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013.

MIRANDA, Gabriela Alves. **Doutores da Batalha da Borracha: os médicos do Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia (SEMTA) e o recrutamento de trabalhadores para os seringais em tempo de guerra (1942-1943**), Rio de Janeiro: [s.n.], 2013.

NASCIMENTO, Maria das Graças. **Migrações Nordestinas Para a Amazônia**. Revista de educação, cultura e meio ambiente. Dez, nº12, vol. II,1998.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da História: operários, mulheres, prisioneiros**. Trad. Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 4ª. Ed, 1988.

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade**. Campinas: Unicamp, 2013.

SECRETO, Maria Verônica. **Soldados da Borracha: Trabalhadores entre o Sertão e a Amazônia no Governo Vargas.** São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo. 2007. Soldados da Borracha. Cap.A peça fundamental: o contrato.